



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ULLAIR MARIA DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
AS DIFERENÇAS E A INTERAÇÃO ENTRE PARES**

**RECIFE
2019**

ULLAIR MARIA DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
AS DIFERENÇAS E A INTERAÇÃO ENTRE PARES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pelo Prof.º Dr.º Hugo Monteiro Ferreira.

RECIFE

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

ULLAIR MARIA DA SILVA

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS DIFERENÇAS E A INTERAÇÃO ENTRE PARES

Data da Defesa: 26 de Novembro de 2019.

Horário: 13h30min.

Local: Sala: 6 do Bloco B - DEd- UFRPE

Banca Examinadora:

Profº. Drº. Hugo Monteiro Ferreira.

Orientador

Profº. Drº. Wagner Lins Lira

Examinador Interno

Profa. Dra. Valéria Severina Gomes

Examinadora Externa

Resultado:

() Aprovada

() Reprovada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p Silva, Ullair Maria da
A prática pedagógica docente e a educação inclusiva: as diferenças e a interação entre pares / Ullair Maria da Silva. - 2019.
55 f.

Orientador: Hugo Monteiro. Ferreira..
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2019.

1. Prática Pedagógica Docente. 2. Inclusão. 3. Interação. 4. Pares. 5. Diferenças. I. Ferreira., Hugo Monteiro., orient. II. Título

CDD 370

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por se fazer presente em todos os momentos da minha vida, por nunca me desamparar principalmente nos momentos difíceis.

Aos meus pais, José Severino da Silva Filho e Maria Carolina dos Santos Silva, por toda contribuição durante minha jornada escolar, por acreditar em meu potencial e em minha dedicação, na minha criação.

A meus irmãos, em especial, à minha querida Miriane, que sempre esteve ao meu lado, me dando forças, incentivando e escutando meus problemas.

Ao meu amado esposo Josimar Barbosa, por incentivar minha vida acadêmica, pela paciência em meus piores dias, pelo amor e pela alegria que me proporciona diariamente.

A meu querido orientador, Prof^o. Dr^o. Hugo Monteiro Ferreira pela paciência, atenção e confiança.

Agradeço aos docentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, por me proporcionarem conhecimento e agregar bagagens importantes em minha vida profissional.

Gratidão aos colegas e amigos de sala, em especial, às minhas amigas Marília Maria e Luciana Lima que sempre estiveram ao meu lado.

A meu amigo André Luiz, por incentivar o meu ingresso ao curso de Pedagogia na UFRPE, apesar dos desafios da matrícula.

As minhas amigas do CODAI, por acreditarem em meu potencial.

A docente Rosa, que possibilitou a realização do trabalho de campo e a sua turma do 4^o Ano.

Enfim, a todos(as) que estiveram e estão comigo e me apoiam a superar os desafios da vida.

Muito Obrigada!

RESUMO

Prática Pedagógica Docente, interação entre pares e inclusão são temas que vêm sendo evidenciados a cada dia. É no ambiente escolar, que o(a) estudante passa uma boa parte do seu dia. Na sala de aula, o(a) docente passa por diversas experiências, muitas situações são resolvidas e devem ser bem resolvidas no momento que acontecem. O papel docente é importante para a aprendizagem, desenvolvimento dos(as) estudantes, interação e inclusão. A interação do(a) estudante dentro e fora de sala de aula influencia em seu desenvolvimento cognitivo e emocional, assim se faz pertinente estudar essa temática. Quanto à inclusão, vivemos em um mundo cercado de “diferenças” e é na escola que começamos conhecer e conviver com culturas, identidades, religiões diferentes da nossa. Por isso, chegamos ao estudo acerca dessa temática, cujo objetivo geral é analisar a prática pedagógica docente e suas influências nos processos de inclusão entre pares em sala de aula. Para alcançar esse objetivo geral, tomamos como respaldo, teóricos que descrevem sobre prática pedagógica docente, inclusão e interação entre pares. Destacamos Martins(2012) por retratar questões acerca da Educação Inclusiva, trazemos Mantoan(2003) que também discorre sobre Educação inclusiva e suas implicações, utilizamos Morales(2001) para contribuir acerca do papel docente, e outros(as) autores(as) que são importantes para o nosso trabalho. A pesquisa de campo foi realizada em uma turma de 4º Ano de uma Escola Municipal da Cidade do Recife, tendo como sujeitos interlocutores, a docente e os(as) estudantes, em destaque um estudante que é diagnosticado com autismo e uma estudante que é excluída pelos(as) amigos(as). Utilizamos como base, a abordagem qualitativa e tomamos como técnicas de coleta de dados: observação participante, entrevista semiestruturada e roda de discussão. A partir das técnicas utilizadas e da fundamentação teórica, pudemos observar a prática pedagógica docente em prol à inclusão e à interação dos(as) estudantes.

Palavras-Chave: Prática Pedagógica Docente. Inclusão, Interação. Pares. Diferenças.

ABSTRACT

Teaching pedagogical practice, interaction between peers and inclusion are themes that are being highlighted every day. It is in the school environment that the(a) student spends a good part of his day. In the classroom, the (a) teacher goes through several experiences, many situations are resolved and should be well resolved at the time they happen. The teaching role is important for the learning, development of(s) students, interaction and inclusion. The interaction of the(a) student in and out of the classroom influences his cognitive and emotional development, so it is pertinent to study this theme. As for inclusion, we live in a world surrounded by “differences” and it is at school that we get to know and live with cultures, identities, religions different from ours. Therefore, we come to the study about this theme, whose general objective is to analyze the teaching pedagogical practice and its influences in the processes of peer inclusion in the classroom. To achieve this general objective, we take as a support, theorists who describe teaching pedagogical practice, inclusion and interaction between peers. We highlight Martins(2012) for portraying questions about inclusive Education, we bring Mantoan(2003) who also discusses inclusive Education and its implications, using Morales(2001) to contribute about the teaching role, and others(as) authors(s) that are important for our work. The field research was conducted in a class of 4th Year of a Municipal School of the City of Recife, having as subjects interlocutors, teachers and(as) students, in particular a student who is diagnosed with autism and a student who is excluded by(a) friends(as). We use as a basis the qualitative approach and we take as techniques of data collection: participant observation, semi-structured interview and discussion wheel. From the techniques used and the theoretical basis, we could observe the teaching pedagogical practice in favor of the inclusion and interaction of/the students.

Key-words: Teaching Practice. Inclusion, Interaction. Pairs. Differences.

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE - Plano Nacional de Educação

PNEE - Política Nacional de Educação Especial

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

MEMORIAL

Iniciei minha vida escolar em uma escola pública de bairro, lá ingressei no Jardim I, entre 3 e 4 anos de idade. Nessa instituição, tive professoras excelentes, que tenho contato até os dias de hoje. Para estudar no Fundamental I, minha mãe me matriculou em uma escola de tempo integral da Prefeitura da Cidade do Recife. Apesar de ser analfabeta, minha mãe sempre lutou pela minha educação e dos meus irmãos. Na escola da Prefeitura, tive duas professoras polivalentes, lembro-me de que a professora do 2º Ano, antiga 1ª série, tinha dificuldade em realizar as atividades, pois na minha turma, havia dois estudantes que reviravam a sala e praticavam *bullying* com os(as) demais colegas, inclusive comigo. Em alguns momentos, a professora tentava resolver, mas, muitas vezes, não conseguia. Do 3º Ano (Antiga 2ª Série) até o 5º Ano (Antiga 4ª Série), tive uma professora de pulso firme, dedicada e esforçada. Muitas crianças tinham medo da docente, com sua postura, demonstrava ter poder em sala de aula, durante esses três anos, a professora costumava fazer atividades em grupos e em duplas, incentivava o respeito pelo(a) outro(a). Atualmente, me recordo de várias atividades que essa docente realizava.

Já no Fundamental II, ainda estudando em uma escola da Rede Municipal do Recife, encontrei diversos professores com práticas pedagógicas docentes que valorizavam o(a) estudante, destaco um professor de Português que sempre que podia, realizava leituras deleites, que inclusive foi meu professor na graduação. Certa vez, esse professor convidou a mim e a minha irmã para realizar a leitura de um poema no dia das mães, esse professor mesmo sem saber me ajudou na escolha da minha profissão.

O Ensino Médio, cursei, em uma escola estadual. Nessa escola, tive várias experiências negativas, professores(as) que não gostavam de ministrar aulas, que faltavam, que em sala de aula, não consideravam o(a) aluno(a) como protagonista do conhecimento, que pediam para os(as) alunos(as) reproduzirem cópias. Mas, destaco nessa escola, uma professora de História que se preocupava com os(as) discentes, gostava de saber como o(a) estudante estava, essa mesma docente costumava solicitar diversos trabalhos, mas sempre, estava disposta para ajudar os(a)s estudantes.

Desde cedo, tinha vontade de ser professora, mas escolhi Pedagogia depois que fiz um curso de Libras e conheci diversos profissionais que e me mostraram o quanto à educação precisa acolher as diferenças.

Para chegar ao motivo pelo qual escolhi esse tema, destaco a importância do(a) professor(a) na vida do(a) estudante, seja ela positiva ou não. Na minha vida escolar, tive experiências boas e outras não, mas todas foram e vêm sendo importantes em minha vida pessoal como também profissional. Hoje, carrego as marcas que fui adquirindo ao longo da vida, em minha prática pedagógica docente, percebo marcas de algumas experiências de docentes que encontrei ao longo da vida. Sendo assim, considero que o papel do(a) educador(a) na vida do(a) estudante, favorece um mundo melhor.

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS.....

MEMORIAL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 12

CAPÍTULO I – Educação Inclusiva, Prática Pedagógica Docente e o Ambiente escolar 15

1. Breve relato da Educação Inclusiva 15

2. A História da Educação Inclusiva no Brasil..... 17

3. Prática pedagógica docente e a interação entre pares 19

4. A relação entre prática pedagógica docente e a Educação Inclusiva 20

5. O papel da escola – A sala de aula, lugar que possibilita interação e inclusão..... 21

CAPÍTULO II – Percurso Metodológico 25

1. Observação Participante 26

2. Técnicas de Construção de Dados..... 27

2.1. Observação descritiva 27

2.2. Entrevista Semiestruturada 27

2.3. Roda de Discussão 28

3. Lócus – Universo Pesquisado 28

4. Sujeitos de interlocução 29

5. Análise de dados 30

CAPÍTULO III – RESULTADOS DA PESQUISA: A escola e a inclusão entre pares: O papel da docência e a importância do respeito às diferenças ... 31

1. PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE: A professora e sua compreensão acerca de prática pedagógica docente 32

2. A importância da interação entre pares e da inclusão em sala de aula.. 37

CONSIDERAÇÕES FINAIS 44

REFERÊNCIAS..... 47

ANEXO – Termo de Consentimento Livre Esclarecido. 49

APÊNDICE A – Roteiro de Observação Participante 50

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista..... 52

APÊNDICE C-Roteiro da Roda de Discussão..... 54

INTRODUÇÃO

Atualmente muito se fala em educação inclusiva, mas o estudo de como é feito e como deve se dar o acolhimento do *diferente*, realizado por pares, mediado por professores (as), no nosso ver, ainda precisa de aprofundamentos. Nesse sentido, são importantes os estudos que priorizem o foco nessa perspectiva, acreditamos que é de fundamental importância compreender de que modo à prática pedagógica docente em sala de aula auxilia na interação entre pares, quanto à inclusão daqueles(as) que são compreendidos(as) como "*diferentes*". Dessa forma, é pertinente pesquisar sobre a prática pedagógica docente, educação inclusiva e o processo de interação entre os sujeitos.

A sociedade precisa valorizar a diversidade humana, seja qual for. O(A) professor(a) tem um papel importantíssimo para que o respeito às diferenças identitárias aconteça. De fato, a função do(a) professor(a), é primordial para que ocorra a inclusão dentro da sala de aula como também fora dela, é essencial trabalhar em prol de atividades que inserem os(as) alunos (as) à reflexão acerca das *diferenças*. Através desta pesquisa, será possível contribuir com a análise da importância da atuação docente, com vistas à inter-relação estudante-estudante nos processos de educação inclusiva.

A inclusão é um desafio para todo(a) e qualquer professor(a), muitas vezes, nem mesmo a escola como um todo e nem mesmo o(a) professor(a) de modo mais específico sabem como fazer a chamada educação inclusiva, ou porque não há formação inicial que ajude o(a) professor(a) como realizar a inclusão de modo adequado ou porque, por razões diversas, o(a) professor(a) não concorda com os processos de educação inclusiva proposta pelas legislações brasileiras. Parafraseando Silva e Reis(2011), a educação inclusiva não se limita as pessoas com necessidades especiais, mas a todos(as) que precisam de uma atenção a mais e deve ser realizada com qualidade e sem exclusões.

A escola é um dos principais ambientes que pode favorecer a inclusão, visto que muitos(as) estudantes passam mais tempo nela do que em casa, assim a Educação Inclusiva seja ela para incluir os(as) estudantes com necessidades especiais como também para aceitar as diversas diferenças, é importante ser vivenciada em diversos ambientes, inclusive na instituição de ensino. A escola

pode e é vista como uma possibilidade de interação e inclusão. Quando enfatizamos a inclusão no ambiente escolar, é importante a participação de todos os membros desse espaço, como também do grupo familiar do(a) aluno(a). É oportuna a construção de escolas realmente inclusivas, que elabore diretrizes inclusivas, e diminua das desigualdades sociais e culturais, como discorre Martins(2012) ao salientar que é preciso que aconteça remoção de barreiras visíveis e invisíveis acerca da acessibilidade.

Destarte, consideramos que o tema em questão é relevante tanto para professores (as) que já estão atuando como também para o mundo acadêmico das licenciaturas. Quanto à relevância acadêmica, destacamos sua importância por se tratar de um tema atual e próximo do cotidiano do(a) professor(a) e para os(as) graduandos(as) em formação como aos pesquisadores(as) dessa temática.

Partindo das observações da prática pedagógica docente inclusiva, a interação entre os pares e a compreensão das diferenças em sala de aula, foi levantada algumas perguntas de saída: Como se efetiva a educação inclusiva?, A prática pedagógica docente observada contribui para uma educação inclusiva? Como se dá a interação entre os(as) pares dentro da sala de aula?, A compreensão das diferenças contribui para a inclusão de todos (as) os (as) estudantes dentro de uma sala de aula?.

Desse modo, a nossa pesquisa se interessa pelo seguinte problema, aqui transformado em uma pergunta: Como a prática pedagógica docente importa para os processos de educação inclusiva entre pares, evidenciando as interações entre os(as) estudantes, nos aspectos das diferenças identitárias?

Sendo assim, para responder ao nosso problema, destacamos como objetivo geral: **Analisar a prática pedagógica docente e suas influências nos processos de inclusão entre pares em sala de aula.** Para galgar o objetivo principal elencamos como objetivos específicos:

- Discutir o conceito de educação inclusiva que fundamenta a prática pedagógica docente;
- Identificar as atividades propostas que possibilitam a interação entre os pares, evidenciando aspectos positivos ou não da prática analisada.

Nosso Trabalho de Conclusão de Curso está subdividido em 3 (três) capítulos. Capítulo I, no qual, tratamos sobre os aportes teóricos da nossa pesquisa, destacando um breve relato da Educação Inclusiva, como também a História da Educação Inclusiva no Brasil, aborda ainda sobre prática pedagógica docente e a interação entre pares, também trazemos a relação entre prática pedagógica docente e a Educação Inclusiva e para concluir este capítulo descrevemos a importância do papel da escola com ênfase na sala de aula como um local que possibilita a interação e inclusão; no Capítulo II, no qual tratamos sobre os caminhos metodológicos, destacamos o método utilizado para realizar o levantamento de dados, como também das técnicas utilizadas, esclarecemos melhor o nosso universo pesquisado, apresentamos os nossos sujeitos de interlocução e como será realizada a análise dos dados. No Capítulo III, tratamos sobre as análises dos dados levantados, e descrevemos os dados a partir das categorias criadas. Ainda é possível encontrarmos as Considerações Finais, Referências, Anexos e Apêndices nas demais sessões deste TCC.

Nosso Universo pesquisado é uma turma de 4º Ano do horário da tarde de uma escola da Rede Municipal da cidade do Recife, nesta turma se encontram 24 crianças matriculadas, sendo 15 meninos e 9 meninas. Tomamos a instituição em questão, por ser de fácil acesso e por termos uma boa relação com o corpo docente e a gestão escolar.

CAPÍTULO I – Educação Inclusiva, Prática Pedagógica Docente e o Ambiente escolar

1. Breve relato da Educação Inclusiva

Conhecer as concepções da educação inclusiva é compreender que existe uma longa História que propicia amplitude de informações. É importante destacar que alguns escritores destacam educação especial e inclusão como termos idênticos, outros abordam distinção entre os termos. Destarte, tomamos respaldo de Silva e Reis (2011) que descrevem “Portanto, a inclusão não se refere apenas ao aluno com deficiência, mas a todos que possuem algum tipo de dificuldade de aprender.” (p.09). Muito se discute sobre educação Inclusiva, mas incluir vai muito além de conceitos estabelecidos pela sociedade.

A educação inclusiva está relacionada com a aceitação das diferenças. No ambiente escolar a inclusão busca atender todos os estudantes, logo o cenário deve oferecer uma educação de qualidade e sem exceções, ou seja, todos devem fazer parte da escola. Dessa maneira, a educação inclusiva valoriza a diversidade, possibilita a socialização de diferentes grupos incentiva o envolvimento de forma mais ampla da sociedade. Dentro do ambiente escolar, em relação à inclusão, Martins (2012) afirma que é de fundamental importância a remoção de barreiras visíveis (acessibilidade) e as invisíveis e que os(as) educadores possam garantir e efetivar a participação e aprendizagem dos(as) alunos(as) em geral (p.33). Assim a Educação Inclusiva deve favorecer aos estudantes uma verdadeira inclusão, sem barreiras.

Os(As) alunos(as) devem frequentar a escola, valorizar e respeitar toda diversidade encontrada, salientamos o que descreve Mantoan (2003) “Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças”. No ambiente escolar os estudantes devem aceitar as diferenças, reconhecer o outro como um ser humano de direito e que precisa ser respeitado.

É preciso conhecer e saber propor atividades para incluir, como afirma Fumegalli,

Trabalhar com a diferença é compreender que o ensino, o apoio, os recursos didático-pedagógicos, a metodologia, a proposta curricular e a avaliação da aprendizagem devem beneficiar a todos em sala de aula e não apenas a alguns, por serem categorizados como “inclusos” tornando-se assim “privilegiados”. (2012, p. 28)

Por essa razão o(a) educador(a) deve proporcionar atividades dinâmicas, a fim de engajar todo o grupo, sem fazer acepções. De acordo com o dicionário FERREIRA, Aurélio define *Incluir* como compreender, abranger, inserir, introduzir, fazer parte e inserir-se. (2001, p.380). No cotidiano escolar, incluir vai além de aceitar as diferenças, é preciso que a inclusão aconteça de todas as formas, seja compreendendo o outro e o inserindo em várias situações. Ainda tendo respaldo do dicionário FERREIRA, Aurélio, trazemos o significado da palavra inclusivo, destacada como aquele que inclui e abrange. (2001, p.381). Todavia, ser inclusivo é possibilitar uma ampla inclusão seja em qualquer ambiente, valorizando a diversidade humana.

Quando nos referimos a Educação Inclusiva Escolar estamos nos destinados a uma educação para todos, sem exceção. Uma educação que não exclua e não segregue, mas que respeite e possibilite a interação e inclusão entre todos. Como afirma a autora:

Por tudo isso a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldade de aprender, mas a todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (MANTOAN, 2003, p.24)

Seja no ambiente escolar, familiar, religioso ou em outro, para ser inclusivo é preciso respeitar a diferença do outro, reconhecer que todos somos diferentes, mas cada um com seu jeito particular.

A Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), e a Declaração de Salamanca (1994) foram marcos fundamentais para políticas públicas de inclusão na educação.

Após a Declaração de Salamanca em 1994, que descreveu a importância e a necessidade de garantir educação para crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais no quadro do sistema regular de educação. Assim a declaração proclama:

toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, • toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, • sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, • aqueles

com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, • escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (UNESCO, 1994).

A partir desse período a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – priorizou no artigo 59 o acesso, a conclusão e a aceleração de acordo com as necessidades de cada pessoa. (BRASIL, 2007, p.3).

2. A História da Educação Inclusiva no Brasil

No Brasil a educação inclusiva possui uma ligação com a Educação especial. A Política Nacional de Educação Especial (PNEE), quanto à educação inclusiva descreve que a inclusão vai além das pessoas com necessidades especiais, se amplia para inclusão dos “diferentes”.

A partir da declaração de Salamanca as pessoas deficientes começaram a ter vez e voz, com o direito à educação e ser respeitada perante a sociedade. De acordo com o III capítulo destinado a educação, cultura e desporto na seção I e art. 205 da constituição da República Federativa do Brasil, estabelece:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p.56).

De fato a educação é um direito de todos e dever do estado, mas por muito tempo a educação/escolarização foi limitada. Anteriormente a esta nova perspectiva de educação inclusiva, as pessoas que apresentassem algum tipo de deficiência ficavam isolados da sociedade, afastados de qualquer interação e envolvimento social, quando matriculados em alguma instituição de ensino ficavam em classes especiais ou até mesmo em escolas especiais, sem troca

de experiência e contatos com outras pessoas. (Brasil, 2007). A partir da democratização da escola o acesso foi ampliando, porém a escolarização ainda é um privilégio para alguns grupos específicos, dessa forma notamos a exclusão de outros grupos, ou seja, a escola ainda não é para todos, atualmente muitas pessoas não estão no ambiente escolar.

A Conferência Mundial de Educação para Todos realizada Jomtien/1990, alerta para os índices de crianças, adolescentes e jovens sem escolarização. “Sabendo que a educação, embora não seja condição suficiente, é de importância fundamental para o progresso pessoal e social.” (UNESCO, 1998).

A educação em nossos dias é considerada como uma das maiores influências para o desenvolvimento da cidadania, e em consequência desse progresso é evidente o avanço do país em todos os sentidos. Antigamente as pessoas com alguma deficiência eram excluídas da sociedade, não tinham acesso ao ambiente escolar e quando tinham era inseridas em salas especiais, ou seja, salas específicas para pessoas com necessidades especiais. Sem falar da falta de formação dos(as) educadores(as) para atuar com esses estudantes. Apesar de todo avanço histórico da educação inclusiva no Brasil, ainda encontramos muitos professores com pouca formação para atuar em sala de aula em relação às diferenças e a inclusão dos estudantes. O ato de incluir não é apenas colocar o indivíduo em contato com outras pessoas, mas fazer com que haja interação e inserção dos diferentes. Incluir não é uma tarefa fácil, sabemos que no cotidiano escolar não é diferente, requer tempo e dedicação entre as pessoas envolvidas, sejam elas com alguma necessidade específica ou não, também envolve os professores e toda comunidade escolar.

O Plano Nacional de Educação (PNE) apud (BRASIL, 2007, p. 3) salienta que “[...]o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”. A inclusão descrita pelo PNE deixa claro que a inclusão não abrange apenas as pessoas deficientes, mas a diversidade humana, ou seja, uma inclusão dos “diferentes”, como o homossexual, o negro, o índio, o pobre, etc. Sendo assim, BRASIL, 2007 ressalta a inclusão como direito humano, “[...] é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação” (p. 2).

3. Prática pedagógica docente e a interação entre pares

Pode se dizer que a prática pedagógica docente possui uma intencionalidade com o fazer pedagógico, ou seja, em sala de aula o(a) educador(a) tem como objetivo alcançar, traçar caminhos para contribuir na aprendizagem dos discentes, sendo necessário que o(a) educador(a) organize e contribua para o aprendizado dos(as) alunos(as), o mesmo deve aprimorar seus conhecimentos sobre como melhor lidar com as especificidades de cada aluno(a), como descreve Martins (2012). O (A) professor(a) tem o papel de provocar, instigar e possibilitar um novo olhar e novos comportamentos dos (as) estudantes a partir de sua prática pedagógica docente. Morales, (2001) afirma que:

O professor pode ensinar mais como que é do que com aquilo que pretende ensinar; seu modo de fazer as coisas implica mensagens implícitas de efeitos que podem ser positivos ou negativos; se aceitam ou recusam suas atitudes e seus valores, reforça-se o interesse ou o desinteresse pelo aprendido (pode-se aprender a odiar a matéria). (p.25)

O(A) professor(a) em sua prática pedagógica docente tem uma intenção para com o seu alunado, esse profissional tem muita relevância e durante seu dia a dia precisa dar conta de várias questões. Refletindo ainda sobre prática pedagógica docente Fernandes (2008):

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares.(p.159).

Dessa forma, como salienta Fernandes, a prática pedagógica docente pode possibilitar a interação, a resolução de conflitos, deve ainda ter como base o diálogo. A partir dessa perspectiva o professor e o aluno constroem uma boa relação como também aprendem juntos. Em relação às competências que o docente deve realizar Antunes (2001) descreve:

Organizar e dirigir situações de aprendizagem; ser muito bom na seleção dos conteúdos a serem ensinados, elegendo-os de acordo com os objetivos da aprendizagem; trabalhar a partir das representações dos

alunos; trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos da aprendizagem; construir e planejar dispositivos e sequencias didáticas e envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento. (p. 37-41)

Destacamos que o autor exemplifica tarefas que o (a) professor (a) deve realizar em sua prática pedagógica docente em sala de aula, para que assim seja percebido o desenvolvimento dos estudantes.

Quanto ao papel docente em favorecer a interação e a reflexão dos(as) educandos, esse poderá atuar em sua prática docente promovendo a interação entre os pares. Como discorre Freire, “[...]a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. (1997, p. 38). Esse profissional tem a função de ponte nessa relação, pode proporcionar atividades, jogos, brincadeiras, ajudar a resolver conflitos, viabilizando o envolvimento da interação entre os estudantes e contribuir para que o sujeito tenha um pensamento crítico e reflexivo.

4. A relação entre prática pedagógica docente e a Educação Inclusiva

A prática pedagógica docente em relação à educação inclusiva deve oferecer de fato a inclusão. Martins (2012) aponta que, “Necessário se faz ministrar um ensino que seja de qualidade para todos, que atenda às reais necessidades dos educandos.”(pág. 35). A escola é um lugar privilegiado de formação, como um espaço para discussão de questões que têm profunda correlação com a prática ali vivenciada e de busca de caminhos no tocante à tomada de decisões relativas às condições de trabalho, como também a aprendizagem vivenciada pelos alunos tem o professor como responsável. Silva e Reis (2011) descrevem “Acolher a diversidade de indivíduos e contar com professores preparados para a escola inclusiva! Eis o grande desafio da educação na atualidade.” (pág. 08).

É imprescindível à quebra dos velhos padrões educacionais, a visão idêntica de alunos apontados segundo o modelo de normalidade. Uma educação que separa os que não possuem os mesmos padrões, nunca será inclusiva. Cada pessoa é única, exatamente por sermos diferentes.

Logo, para efetivar a educação inclusiva é importante que aconteçam mudanças, seja na escola, em casa, em lugares públicos, etc. Em especial na escola, se faz preciso algumas desconstruções, dentre essas a da prática de segregação e os preconceitos. Silva e Reis (2011, pág.10) ressaltam que “As diferenças enriquecem, ampliam, são necessárias porque permitem a identificação e a diferenciação e, portanto, contribuem para o crescimento de todos os envolvidos no processo educacional.”. Destacamos novamente o(a) professor(a) como agente fundamental no processo de inclusão, esse(a) precisa ser apoiado(a) e valorizado(a), para que a construção de uma escola inclusiva seja efetivada. Quando aumentamos o foco para a prática docente que abrange as diferenças, verificamos que ela contribui para a transformação social.

5. O papel da escola – A sala de aula, lugar que possibilita interação e inclusão.

É na escola que os estudantes passam boa parte da vida, na sala de aula a interação entre os discentes é fundamental. É a partir do contato com as pessoas que vivenciamos as múltiplas diferenças, numa sala de aula não é diferente, estudantes dividem a sala de aula por horas durante o dia, nessa relação surgem amizades, conflitos, aprendizagem, etc. Como afirma Silva (2015) ao descrever o dever do ambiente escolar:

[...] o espaço escolar se mostra como o espaço ideal para intervir, sociabilizar e fazer o papel político e democrático na desmistificação das diversas origens dos alunos de forma a compartilhar as diferentes situações no dia-a-dia e discutir a diversidade em sala de aula como um assunto sempre atual.

Dessa maneira, a escola se torna um lugar de experiências que são carregadas por toda vida. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam princípios democráticos para orientar a educação escolar a favor da cidadania,

Dignidade da pessoa humana Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.
Igualdade de direitos Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício

de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) 16 e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada

Participação: Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas, etc.

Co-responsabilidade pela vida social Implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil. (BRASIL, 1997. p.21)

No ambiente escolar os estudantes estão cercados de diferenças, sejam elas: étnicas, culturais, religiosas, sociais, físicas, financeiras, etc. Portanto, é necessário compreender e respeitar as diferenças. A escola deve ser um ambiente que proporcione a socialização, a inclusão, o respeito e a humanização de todos os integrantes. Para que todos possam viver em harmonia uns com os outros. Dessa forma, ressaltamos o que Sacristán e Pérez Gomez (1998) afirmam sobre a escola:

[...] apoiando-se na lógica da diversidade, deve começar por diagnosticar as pré-concepções e interesses com que os indivíduos e os grupos de alunos(as) interpretam a realidade e decidem sua prática. Ao mesmo tempo, deve oferecer o conhecimento público como ferramenta inestimável de análise para facilitar que cada aluno(a) questione, compare e reconstrua suas pré-concepções vulgares, seus interesses e atitudes condicionadas, assim como as pautas de conduta, induzidas pelos marcos de seus intercâmbios e relações sociais (p.25)

Comungando com o que descrevem os autores, é preciso que as pessoas enxerguem que educar vai muito além do aluno ir a escolar e “receber o conhecimento”. Nesse sentido, destacamos a importância da interação dos estudantes, na sala de aula é possível observar a interação entre os pares como também à relação professor-aluno. Quanto à relação professor-aluno Morales (2001) afirma que “Pensar na sala de aula como lugar de relação pode abrir para nós um horizonte de possibilidades, inclusive didáticas que talvez

não estejamos utilizando em todo seu potencial.” (p.10). Esse autor descreve que a relação do docente com os seus discentes em sala de aula deve possibilitar o aprendizado, de acordo com o escritor o professor possui uma ligação profissional para com os estudantes. Essa relação, de acordo com Morales (2001), podem ser descritas por duas dimensões, a primeira é a relação do professor aluno na sala de aula de maneira mais genérica e a segunda é em situações mais específicas. Desse modo, a escola é um local favorável e propício para que seja respeitado as diferenças e combater as diversas formas de preconceito. Assim, as interações possibilitam atitudes e comportamentos sociais ou antissociais e vivenciadas desde muito cedo. Desta maneira, vale destacar que ao interagir-se são construídos diferentes laços. A interação entre pares contribui na construção do indivíduo, como também em seu desenvolvimento, até porque a partir das interações com o outro vamos nos construindo. Como afirma SANTOS (2009):

Os indivíduos elaboram suas condutas de acordo com suas experiências através das interações com os demais, bem como com as instituições, como a família, escola, religião. Assim, percebemos que a socialização não é apenas um processo de inserção passiva do indivíduo na sociedade, mas sim um contínuo processo de reelaboração de suas condutas.

Concordamos com a afirmação da autora ao discorrer que a partir das interações os indivíduos realizam suas ações, pois como afirma Arezes e Colaço (2014) “Interação corresponde ao comportamento de um indivíduo e implica a participação de outro, como por exemplo, a interação numa conversa, a troca de gestos, um jogo ou um conflito.” (p. 116). Contudo, a interação é inerente na vida, dessa forma como salientou as autoras pode acontecer de diferentes maneiras.

No ambiente escolar é um dos locais que acontecem à interação seja entre os pares, professor – aluno, pais-professores, etc. Visto que a escola é compreendida como uma representação das relações, a interação pode acontecer através da atividade proposta pelo (a) docente, na conversa, nas brincadeiras, nas atividades, etc.

Sobre a interação entre pares NUNES (2017), reconhece a dificuldade do significado, “O termo relação entre pares é muito amplo. Este pode remeter-se às características de amizades como ao grupo de pares enquanto contexto”(p.39). Para a autora, o termo possui ligação com interesses e valores, são relações que buscam o mesmo nível de desenvolvimento. Como discorre “As interações que a criança estabelece com o outro são também um meio para a compreensão e construção da sua identidade [...]” (NUNES, 2017. p.40). Logo, a autora destaca que as experiências a partir da relação com o outro influenciam a forma como a criança se vê a si própria e a forma como interage com o outro. Essa autora no desenvolvimento do seu trabalho discorre que a partir das relações, a criança vai estabelecendo o seu desenvolvimento emocional e conseqüentemente a sua capacidade para aprender. Ela ainda enfatiza a importância da interação da criança seja com outra criança como também com um adulto, pois segundo ela a relação estabelecida com os pares contribui a adquirir aprendizagens sociais.

Desse modo, no ambiente escolar o (a) educador (a) tem o papel de possibilitar a relação entre os pares, seja encorajando e ajudando os estudantes na resolução de problemas para que assim possa ser construída uma relação de confiança e amizade entre elas.

CAPÍTULO II – Percurso Metodológico

Para alcançar o nosso objetivo geral: Analisar a prática pedagógica docente e suas influências nos processos de inclusão entre pares em sala de aula, e responder o nosso problema de pesquisa: Como a prática pedagógica docente importa para os processos de educação inclusiva entre pares, evidenciando as interações entre os(as) estudantes, nos aspectos das diferenças identitárias?, o referido trabalho utilizará a abordagem qualitativa. Como descreve Minayo (2003)

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. [...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estáticas. (p.21- 22).

Dessa maneira, o(a) pesquisador(a) pode através das interpretações de dados levantados, descrever e chegar à compreensão de novos resultados, ou seja, concluir resultados diferentes de outros(as) pesquisadores(as). Desse modo, para esse tipo de pesquisa, é necessário que o(a) pesquisador(a) tenha um trabalho de campo. Minayo (2003) explica que o uso de uma abordagem qualitativa responde perguntas específicas. Em relação ao trabalho de campo, Minayo (2003, p.26) discorre que:

[...] o trabalho de campo que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrucional etc.

É muito importante que em pesquisas dessa natureza, a abordagem seja qualitativa, uma vez que essa natureza de abordagem amplia as possibilidades de reflexões críticas sobre o objeto de estudo e sobre os dados construídos ao longo da etapa em que vamos a campo. De acordo Severino (2007)“Na pesquisa de campo, o objeto é abordado em seu ambiente próprio”.(p.123)

Na pesquisa de campo realizada em uma escola da rede Municipal da cidade do Recife, localizada na Várzea, foram realizados dez encontros, sendo oito dias de observações, um dia para realização da entrevista (foi realizada apenas uma entrevista com a docente) e um dia para execução da roda de discussão com os(as) estudantes.

1. Observação Participante

O trabalho em questão utilizou a observação participante, o método em questão segundo Lakatos e Marconi (2003,p.194)

Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. [...] o observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado.

Através da pesquisa participante o(a) pesquisador(a) estabelece interação com os(as) sujeitos(as) pesquisados(as). Há muitos trabalhos que citam a Observação Participante como técnica de coleta, mas, no nosso caso, fundamentados em estudos que usam a Observação Participante como método e considerando o tema, o objeto, o problema e os objetivos da nossa pesquisa, acreditamos que a reunião de nossos procedimentos metodológicos se agrupa e forma uma observação na qual não faremos só análise descritiva, mas teremos interação com os(as) sujeitos(as) de interlocução.

A utilização da observação nesta pesquisa busca analisar a prática pedagógica docente, quais os recursos a docente utiliza para possibilitar a interação e como acontece a interação em sala de aula. Dessa forma se fez pertinente um roteiro de observação, para que fosse limitado o que deveria ser observado, como afirma Ludke e André (1986):

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. (LUDKE e ANDRÉ. p.25)

Dessa forma, construir um roteiro para realizar a observação possibilita um recorte do que é necessário observar. O roteiro utilizado para realização das observações se encontra no apêndice A.

2. Técnicas de Construção de Dados

E como técnicas, destacamos:

2.1. Observação descritiva

Com o uso dessa técnica, realizamos um levantamento minucioso daquilo que observamos, daquilo que ocorreu na sala de aula e no intervalo, e como as pessoas desses ambientes vivenciam o aspecto da inclusão. É uma técnica muito importante para o nosso trabalho, desse modo. O roteiro foi construído com muito cuidado, pois foi utilizado como nosso guia nos momentos de exploração e descrição. Para realização dessa técnica foi utilizado um caderno de bordo, no qual foram registradas informações relevantes. O caderno de bordo foi um instrumento utilizado para anotar o que vimos e ouvimos na sala de aula, as informações relevantes que anotadas foi as falas da professora em realizar intervenções, momentos de atividades dos(as) estudantes, situações de inclusão e interação entre as crianças.

2.2. Entrevista Semiestruturada

Minayo (2003) explica que a entrevista é o procedimento mais utilizado no trabalho de campo e que suas formas podem ser realizadas individualmente ou coletivamente. Marconi e Lakatos (2003) afirmam a importância da entrevista para coleta de informações. De acordo com as autoras, a entrevista pode ser definida como:

É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI e LAKATOS. p.195).

No nosso caso, foi realizada das duas modalidades em momentos diferentes. Quanto à estrutura da entrevista, Minayo(2003) afirma ainda que as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Na entrevista semi-estruturada, o(a) pesquisador (a) analisa os dados levantados, valorizando as informações mais importantes, sendo preciso ter um roteiro a seguir e perguntas formuladas de acordo com o assunto pesquisado. O trabalho em questão faz uso da

entrevista semiestruturada, para ser realizada foi construído um roteiro que norteou a pesquisadora, foi realizada apenas uma entrevista com a docente do 4º Ano. A entrevista foi gravada por áudio, utilizando um aparelho celular. As perguntas norteadoras se encontram no Apêndice B.

2.3. Roda de Discussão

A roda de discussão é importante para o nosso trabalho, porque ela nos ajuda a conversar com os(as) estudantes acerca do que foi observado e aquilo que acreditamos ser importante para possibilitar a interação e inclusão entre eles. A roda de discussão possibilita uma comunicação mais dinâmica entre o (a) pesquisador (a) e os(as) interlocutores(as). Utilizamos a roda para discutir sobre importância de respeitar o outro, possibilitando reflexões de como é possível e as vantagens de interagir com o outro. As rodas discussões também possuem roteiro específico e não podem ser confundidas com grupo focal, visto que este último tem finalidades mais específicas e ocorre com um número menor de participantes. Quanto ao grupo focal KIND(2004) salienta que “O grupo focal é tomado como um grupo que se organiza em torno de uma tarefa específica: fornecer informações acerca de um tema anteriormente determinado. Os grupos focais, contudo, devem ser *muito mais diretivos* [...]” (p.126). Dessa forma, destacamos que em nosso trabalho realizamos a roda de discussão, para conversar e interagir com os(as) estudantes, como afirma (FREIRE, 1997) “[...] diálogo é a essência da ação revolucionária. [...]”, pois que não pode haver práxis revolucionária sem o diálogo. (p. 159). Destarte, a importância do ouvir, do se colocar no lugar do outro e da oportunidade de possibilitar um pensamento crítico. Durante a roda de discussão utilizamos um celular móvel para realizar a gravação por áudio. Os pontos importantes da roda de discussão se encontram no Apêndice C.

3. Lócus – Universo Pesquisado

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal da cidade do Recife localizada na UR-07 Várzea. A referida escola foi escolhida para a coleta/construção dos dados empíricos, pois tínhamos/ temos fácil acesso, como também por já ter realizado o Estágio Supervisionado Obrigatório na

mesma, uma vez que também nessa escola, temos adesão dos(as) professores(as) ao nosso trabalho, sem riscos de solução de continuidade.

A instituição de ensino funciona em três turnos, atendendo os seguintes níveis e etapas de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e EJA. A escola atende estudantes da comunidade e de alguns bairros vizinhos, na Educação de Jovens e Adultos estudam alguns pais de alunos. Segundo dados do censo de 2018 a escola possui 412 estudantes. A equipe escolar é formada por direção (Gestora e Vice Gestora), Coordenadora Pedagógica, Secretaria, corpo docente com professores e estagiárias. A unidade de ensino fica localizada em um bairro considerado de baixa renda, apesar de ser uma escola de fácil acesso e ter uma boa estrutura não é bem preparada para receber os estudantes que tem alguma deficiência. A escola possui na entrada uma rampa de acesso construída recentemente. Após o primeiro portão encontramos um espaço (conhecido como Pátio), não se tem brinquedos para as crianças, os estudantes brincam perto da cantina, pois no “pátio” destinado a brincadeiras, não têm brinquedos, e fica exposto à rua. Estudantes cadeirantes assistem aulas em salas no térreo, os banheiros são pequenos e não possuem barras de apoio e fechaduras nas portas, A escola com 8 salas não tem um espaço para organizar uma biblioteca, alguns livros que estão no acervo da escola ficam em uma estante na sala dos professores. Uma professora com especialização em educação inclusiva é responsável pela sala de recursos.

4. Sujeitos de interlocução

Para cumprirmos os nossos objetivos específicos tomamos como sujeitos de interlocução de nossa pesquisa uma turma de 4º Ano do Ensino Fundamental do horário da tarde com 24 alunos matriculados, sendo 15 meninos e 9 meninas, a professora. Nessa turma também encontramos um aluno com laudo de autismo, esse será muito importante em nosso trabalho, como também uma estudante que se senta no final da sala e é excluída pelos(as) colegas. Em razão do tema e dos objetivos do nosso trabalho, destacamos a importância dos(as) estudantes como sujeitos de interlocução. A professora entrevistada possui Magistério, é graduada em Pedagogia, com Pós Graduação em Psicopedagogia e se encontra na área há mais de 18 anos. Na turma também tem uma estagiária que acompanha o aluno deficiente, a

estagiária é graduanda do 4º período de Pedagogia, essa profissional se senta próximo ao estudante, mas ajuda as demais crianças quando surgem dúvidas.

Os roteiros de observação, entrevista e roda de discussão seguem em apêndices. Os dados construídos através das observações, da entrevista e da roda de discussão em sala de aula constituem-se material de análise a fim de alcançar os objetivos propostos. Para manter o anonimato decidimos adicionar nomes fictícios ao aluno com deficiência chamaremos de (Cravo), a estagiária de (Flor), a professora entrevistada de (Rosa) e a aluna que é excluída de (Jasmim). Para utilizar as técnicas neste trabalho construímos o Termo De Consentimento Livre Esclarecido que se encontra assinado pela docente.

5. Análise de dados

Para apresentar os dados levantados foram desenvolvidas categorias para serem discutidas de acordo com a fundamentação teórica deste trabalho. Dessa maneira foi preciso transcrever a entrevista e a roda de discussão, e digitar informações das observações.

CAPÍTULO III – RESULTADOS DA PESQUISA: A escola e a inclusão entre pares: O papel da docência e a importância do respeito às diferenças

O capítulo em questão busca responder o objetivo geral e os específicos, utilizando as informações encontradas a partir das técnicas utilizadas (observações, entrevista e roda de discussão). Nesse capítulo serão apresentadas algumas transcrições de falas dos (as) alunos(as) e da professora como também trechos da entrevista realizada com a docente e da roda de discussão.

Para a construção de dados realizamos dez encontros, sendo oito de observações, um para realização da entrevista com a docente e um para execução da roda de discussão com as crianças. No dia 27 de maio de 2019 iniciamos a primeira observação, nesse dia a docente realizou uma dinâmica com os estudantes para trabalhar os 5R's, ela dividiu a sala em dois grupos, um de meninas e outro de meninos. Percebemos a participação e a interação entre as crianças. No dia 28 do mesmo mês e ano, aconteceu a segunda observação, destacamos por ser uma aula que a docente valorizou a fala dos estudantes, oportunizando momentos diversos de falas, no dia 03 de junho realizamos a terceira observação, no dia 01 de agosto de 2019 foi feita a quarta observação, no dia 02 de agosto de 2019 foi executada a quinta observação, a sexta observação aconteceu no dia 07 de agosto de 2019, a sétima e oitava observação aconteceram nos dias 26 e 27 de agosto desse mesmo ano. Em todas as observações ficamos na sala de aula, em uma das últimas carteiras e pudemos analisar como a professora atuou no sentido de ajudar as crianças a incluírem outras, seja a criança com deficiência ou não, vimos também como professora proporciona as crianças à inclusão, a interação e se as crianças de fato incluem ou exclui os colegas. No dia 25 de setembro de 2019 realizamos com a docente a entrevista, a partir dessa técnica foi possível conhecer o ponto de vista da docente para as questões relacionadas à Prática Pedagógica Docente, Educação inclusiva, Interação entre pares e acerca do que é ser "diferente". Já no dia 31 de outubro do mesmo ano, executamos a roda de discussão, nesse dia foi possível ouvir os estudantes acerca da interação, do respeito para com o outro e da importância de sermos todos diferentes.

Dessa forma, foram construídas as seguintes categorias:

1. Prática pedagógica Docente;
2. Inclusão e Interação entre os pares em sala de aula.

1. PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE: A professora e sua compreensão acerca de prática pedagógica docente

A prática pedagógica docente é uma das partes mais importantes do processo educativo, é através da prática pedagógica do educador que ele possibilita a interação entre os estudantes, a produção de conhecimento e aprendizagem. Como descreve Martins(2012) o(a) professor(a) em seu campo de atuação não prepara o estudante apenas para uma vida acadêmica, mas para uma vida em sociedade no qual é cercada de diversas situações. É na sala de aula como docente que o profissional realiza e coloca em prática seus conhecimentos e suas experiências. É possível perceber essa questão na fala da docente quando questionada sobre o que é prática Pedagógica docente,

A prática é como você vai trabalhar o conteúdo pra fazer com que eles compreendam o assunto, para que tenham uma interação entre eles no momento que se aborda aquele conteúdo e a forma que você for trabalhar. No sentido que se tem um certo assunto, que práticas eu posso exercer trabalhando outras disciplinas pra que possa ser alcançado o objetivo. (Rosa, 2019)

Nesse sentido, notamos que Rosa descreve que a prática pedagógica se resume a aplicação do assunto em sala de aula. Esta prática pode influenciar na vida dos estudantes. Segundo Martins (2012), a prática pedagógica docente deve favorecer aos estudantes um ensino de qualidade e que faça sentido em suas vidas.

Observa-se, portanto, o grande papel do(a) professor (a) na vida dos estudantes. A docência não é uma tarefa fácil, mas deve ser executada com profissionalismo e empatia. No princípio a professora Rosa, não se imaginava como professora. A partir de uma experiência que teve numa sala de aula, percebeu a grande importância do(a) educador(a) na construção de uma nova sociedade crítica e reflexiva. Dai ela notou a importância do seu papel como

professora no processo de ensino e aprendizagem e assim se inseriu na área da docência. Como podemos notar em sua fala:

Na realidade eu não escolhi, ela que me escolheu. Eu nunca quis ser professora. Quando eu terminei na época era científico, que não existe mais. Quando surgiu magistério eu não queria, eu pensava que não tinha vocação para ser professora. Foi quando depois na rua da minha casa abriu uma escola, onde me chamaram pra ser auxiliar e de auxiliar de sala terminei o ano assumindo a sala de aula e me descobri em sala de aula. (Rosa, 2019)

Assim como afirma Morales 2001, o fazer docente implica efeitos tanto para os estudantes, como também para o(a) profissional. Apesar da docente não ter de início o interesse em ser professora, após uma experiência, ela se encontrou, hoje ela reconhece sua importância na vida dos discentes.

O ofício da docência requer tempo, planejamento e dedicação. Em sala de aula como sabemos se encontram várias diferenças, para saber como é atuação da docente em relação às diferenças em sala de aula perguntamos a entrevistada como é a sua postura em trabalhar as diferenças e o que ela costuma fazer para incluir os pares.

“Bem, existe a situação que... Tem alunos que se sentem rejeitados, porque tem a sua forma. É, como que eu posso dizer, para eles pra não se englobar naquele grupo, eu tenho que... Pronto, aqui existe uma dificuldade de interação, porque existem os grupos formados. Cada grupo tem dificuldade de não querer interagir com outros, e existem aqueles que ficam isolados. É uma dificuldade que eu trago há anos, com uma aluna a mais que é prejudicada, por que ela por parte, elatem culpa, porque invés dela interagir, ela é aquela pessoa que aponta, que brinca, que fuxica. Ela pensa que está contribuindo na amizade, mas esta se afastando. Então chamo muito a conversa pra que aquilo que eles não querem fazer consigo não faça com os outros.. é mais na conversa, na história nesse sentido.” (Rosa, 2019)

Rosa deixa claro que em suas intervenções utiliza a conversa. Na sala de aula é comum a formação de grupos ou até mesmo subgrupos, mas esses grupos devem ser respeitados e também respeitar todos e de fato se incluírem. Foi observado que a professora costuma escolher o lugar que o aluno deve se sentar. Ela sempre proporciona ocupações aos estudantes. Em um dos

momentos a professora escolheu uma estudante para distribuir o livro didático, mas outros alunos não gostaram como podemos analisar na fala da Professora: “Agora quero que Jasmim (nome dado a estudante que a professora descreveu como excluída) entregue o livro de Português, ela vai pegar no armário e distribuir por filas”.(Rosa, 2019). Nesse momento surgiram alguns comentários dos demais alunos, como podemos observar na seguinte fala:

Estudante: “Jasmim não sabe ler, ela não sabe entregar e vai demorar muito”.

Notamos que Jasmim escolhida pela docente para entregar o material se senta na última fileira e a maioria dos estudantes não brinca e nem conversam com ela, percebemos também a desorganização dela com o material, em realizar as atividades e em organizar sua fala. Quanto ao comentário do estudante, Rosa respondeu:

“Jasmim, antes de entregar o material leia o nome dos seus amigos com atenção. Pessoal, precisamos respeitar os nossos amigos e ajudar quando eles precisarem de ajuda.”.(Rosa, 2019)

A partir da defesa de Rosa para com Jasmim, apesar das críticas de alguns alunos, Rosa corrigiu os demais estudantes e orientou a estudante para entregar o material corretamente. Os(As) alunos(as) costumam sempre sentar no mesmo lugar (escolhido pela docente), as carteiras ficam organizadas em fileiras, os(as) estudantes com alguma dificuldade se sentam nas primeiras carteiras para que a docente possa auxiliar melhor. Rosa não demonstrou preferência em nenhuma criança, mostrou-se prestativa e dedicada a todas da mesma maneira.

Vivemos com pessoas diariamente, em sala de aula o(a) docente em sua prática pedagógica possui uma tarefa de possibilitar interação entre os pares como afirma Arezo e Colaço (2014) ao descreverem que a função do professor é representada como um andaime, aquele que ajuda/ apoia e sustenta e possibilita interação, dessa forma indagamos a entrevistada sobre a importância do educador para possibilitar a interação entre os pares:

Entre os pares significa entre aluno-aluno?. Eu aqui faço o seguinte, no caso eu aproveito os projetos que tem pra eles interagirem, é quando tem alguma dinâmica com tecnologia por exemplo, eu gosto de formar pares não feitos por eles, mas por mim. Porque feito por eles ficam os mesmos grupos, mesmos pares e com outros eles

descobrem uma nova amizade e ciclo de vida em sala. É nesse sentido aí. (Rosa, 2019)

A partir da fala da docente salientamos o que afirma Nunes(2017) ao descrever que o termo “pares” pode ser amplo, como notamos no início da fala de Rosa, ela perguntou o que seria entre pares. Durante as observações foi possível verificar que ao passar o visto no caderno dos estudantes para corrigir as atividades, a educadora Rosa observava à escrita, o tamanho da letra e o zelo pelo caderno, em um dos momentos ela falou ao Cravo: “Cravo, você precisa aprender a diminuir sua letra”. (Rosa, 2019)

Ao se referir a Cravo, Rosa falou baixo para que outras crianças não ouvissem, e disse ainda que ele era capaz de caprichar. Ainda sobre a prática pedagógica docente a entrevista disse que o recurso mais utilizado que ela utilizada para proporcionar a interação entre os pares é o tablet. A prefeitura disponibiliza material escolar, fardamento, apostilas e livros didáticos para os estudantes. Durante as observações pudemos observar a utilização do livro didático, tablets e da apostila (Aprova Recife). Na sala de aula observada não encontramos materiais inclusivos, poucos livros paradidáticos foram encontrados e os que se encontram lá ficam e um armário alto. Apesar de utilizar alguns recursos em sua prática pedagógica, como o livro didático, caderno, tablets e projetos da prefeitura para trabalhar com os estudantes, na entrevista Rosa só listrou o tablet como recurso que ela utiliza que possibilita a interação.

Em algumas aulas, a professora buscou trabalhar em duplas formadas por ela. Em uma das observações ao trabalhar multiplicação com os estudantes, Rosa utilizou no segundo horário o tablet para que os estudantes resolvessem questões de cálculo mental. A partir das duplas formadas, observamos a interação entre os estudantes. Os discentes quando demonstravam dúvida em alguma questão perguntavam a professora que respondia coletivamente.

Seja na vida pessoal, quanto na vida profissional o planejamento é essencial. No ambiente escolar para alcançar os objetivos pedagógicos, como também possibilitar a interação é primordial a construção do planejamento. A partir das observações percebemos que a docente antes de iniciar a aula

escreve toda rotina em um caderno. Na entrevista quando questionada sobre a realização do planejamento das aulas ela respondeu:

Bem, eu pego livro, leio o livro, vejo os objetivos a serem atingidos. E tento trazer para o dia a dia deles. A dificuldade da tecnologia é assim, de eu ter mais proximidade com o tablet. Estou me aproximando agora do data show para que venha usar e assim, não ser apenas quadro, caderno, quadro caderno. Aí, no caso... Eu leio o livro, vejo os objetivos a ser atingidos, entro em discussão sempre, Não trago nunca respostas prontas, sempre possibilito o diálogo e o confronto. Tento trazer a tecnologia pra sala de aula. No início eu escrevia todo meu planejamento, já de tantos anos de trabalho, eu já começo aqui a ordem e sigo, é isso.(Rosa, 2019)

Nas observações realizadas notamos a preocupação da professora em utilizar as apostilas disponibilizadas pela Prefeitura do Recife (Caderno Pra Valer e o Aprova Recife). Em quase todas as oito observações à professora utilizou o caderno Pra valer e a apostila do Aprova Recife.

Em relação ao respeito em sala de aula em manter o respeito à professora possui uma postura firme, durante as atividades a professora solicita silêncio total. Para concluir o subtópico de Prática Pedagógica docente perguntamos a docente qual o papel da prática Pedagógica docente frente à Educação Inclusiva:

Aqui é complicado porque o nível de idade é diferente, no caso aqui, como eu tenho um aluno acima da idade dos outros eu tenho que me preocupar pra não trazer algo tão lúdico, pra não ser tão infantil e ele não se sentir bem. Não se sentir, como eu posso dizer?. Como algo bobo pra ele, eu tento assim, nesse sentido... Eu tento incluir nesse sentido, no caso tenho um aluno que tem idade a mais, antes dele eu tinha apenas uma linguagem mesmo com o meu especial, mas com esse eu tento trazer uma aula mais madura pra que ele não se sinta tão assim, numa sala infantil, é e assim... Na realidade, a minha prática é, eu tento englobar a todos, no sentido que nenhum se sinta inferior, porque inclusão a gente tem que saber assim, trabalhar pra que ele não se sinta inferior e não de forma tão diferenciada, tanto é que (Cravo) ele hoje percebe que sem Flor ele se sente um aluno independente, entendeu? Aí eu tenho trabalhado de uma forma que ele sempre se junte aos outros de uma forma única. Aí é isso que tenho trabalhado não tanto diferenciado pra que eles não se sintam inferiores.(Rosa, 2019)

A partir da fala da docente, percebemos sua preocupação em incluir o estudante que se encontra fora da faixa de idade para alunos do 4º Ano. Notamos seu cuidado em possibilitar um ensino que não seja tão lúdico para que não saia do contexto desse aluno.

2. A importância da interação entre pares e da inclusão em sala de aula

É natural que aconteça a interação em sala de aula, é no convívio com o outro que vamos nos “construindo”. A inclusão nos dias de hoje é bem mais discutida do que há 15 anos. Nessa etapa do trabalho iremos descrever como acontece a interação e a inclusão na sala do 4º Ano. É comum dizer que crianças gostam de brincar, conversar sorrir, na turma observada encontramos crianças entre 9 e 10 anos que gostam de brincar, correr e serem participativas nas atividades. Nessa turma encontramos também um aluno fora da faixa de idade para série, ele tem 13 anos e é repetente, percebemos que esse aluno chega atrasado. Durante as observações esse aluno chegou atrasado em quase todas as aulas, ele não gosta de conversar com os amigos de turma, mesmo quando os colegas tentam puxar assunto. Em uma das observações ao conversar com esse estudante descobrimos que ele mora com os avôs, não tem um bom relacionamento com a genitora e já pensou em desistir de estudar diversas vezes. Rosa busca incluir esse aluno em todas as aulas, no intervalo esse estudante costuma ficar na escada enquanto os demais alunos brincam, conversam e interagem, quando a docente percebe essa postura do estudante, tenta inserir ele no meio da conversa e das brincadeiras das outras crianças. A partir das observações foi possível verificar que os(as) estudantes ao entrarem na sala por volta das 13h30min se sentam nas carteiras já marcada pela docente. Segundo a professora ela realiza a separação dos estudantes para não deixar os grupos conversando e não atrapalhar a sua aula. Apesar da organização e escolha do lugar realizada pela docente as meninas ficam em um lado da sala e os meninos do outro. A docente sempre deixa os alunos que usam óculos ou que apresentam alguma dificuldade se sentar nas primeiras carteiras.

As crianças ao entrarem na sala às 13h30min podem ficar conversando baixinho, como podemos notar nas anotações da observação: “A aula será iniciada às 13h:45min, enquanto isso podem conversar BAIXINHO.” (Extrato de Bordo, 01/08/19). De acordo com a docente esse momento é destinado para que as crianças possam socializar informações e falar com os(as) colegas sobre coisas aleatórias. Todos os dias após os 15min da chegada dos(as) estudantes a docente realiza a oração do pai nosso. As crianças que chegam atrasadas devem explicar o motivo a docente, para que ela possa registrar em sua agenda, em algumas situações a docente liga para o responsável para informar do atraso da criança. Os estudantes só podem entrar na sala até às 14h, após esse horário as crianças ao chegar vão para direção e depois voltam para casa.

Na primeira observação, houve uma atividade em grupo, meninas contra meninos, uma das meninas foi excluída pelo seu grupo (Essa aluna é a que descrevemos anteriormente como Jasmim), mas a professora entrevistou descrevendo a importância de respeitar o outro e de realizar atividade com outros. Em outros momentos percebemos que Jasmim fica muito tempo afastada das demais meninas, como podemos perceber no extrato de bordo “Jasmim se sentou sozinha, os amigos não sentaram perto dela e não realizaram a atividade com ela” (Extrato de Bordo, 27/05/2019).

Em sala de aula Rosa demonstrou postura firme como já foi dito anteriormente, em todas as observações notamos que a professora pedia respeito para com os amigos de sala, para com ela e a estagiária. Escrevemos no caderno de bordo que um aluno chamou um palavrão com outro, ao ouvir a docente chamou o estudante para fora da sala, conversou com ele e quando ele voltou, teve que pedir desculpa para o amigo.

Em relação ao intervalo, devido o espaço pequeno que escola disponibiliza para as crianças brincarem cada turma tem o seu horário de lanche e “parque”. O intervalo do 4º Ano acontece das 15h30minmin às 15h50min, nesse momento a professora fica com as crianças. Observamos que algumas crianças levam lanche de casa e acabam dividindo com o colega, os meninos costumam levar cartas de animais para brincar. Visto que as crianças não podem brincar de correr por conta do pequeno espaço, muitas crianças ficam sentadas em carteiras espalhadas próxima ao refeitório. No intervalo foi

possível observar algumas crianças excluídas, algumas ficavam sentadas o tempo inteiro sem socializar com outras crianças. Em vários momentos percebemos Jasmim sozinha, enquanto a maioria das meninas brincavam, conversava e trocavam lanches.

Quanto à interação e inclusão do estudante matriculado com laudo de autismo nessa turma que já o chamamos por Cravo acontece de forma amigável, ele é acompanhado por uma estagiária. Nas observações realizadas a estagiária se sentou ao lado dele, quando ele apresentava dúvidas ele deveria falar para que todos pudessem saber a dúvida e então à professora responder coletivamente. Na 3ª observação o Cravo derrubou um livro de um amigo, como podemos observar na anotação do diário de bordo: “Quando o Cravo derrubou um livro no chão que era do amigo, Rosa entrevistou conversando com ele em relação à importância de respeitar o material do amigo e já que tinha sido ele que tinha derrubado pediu para o Cravo pegar o livro do chão e pedir desculpas.”(Extrato de Bordo, 03/06/2019). Para possibilitar a inclusão do Cravo a docente sempre pedia para ele realizar a atividade junto de algum amigo e ao terminar ele poderia pegar um jogo.

Rosa em todos os encontros mostrou-se disposta a ajudar a todos. Sempre relatava que todos precisam de respeito e que ninguém era melhor que ninguém. Ela mostrou-se preocupada com os estudantes tanto em sala de aula, quanto aos faltosos. Em uma das aulas conversou com os discentes sobre violência física, trabalho infantil, violência sexual e conselho tutelar. A professora ouviu o relato de algumas crianças e destacou a importância que a criança tem no mundo. Em todas as observações a docente foi prestativa em ajudar os(as) estudantes com dúvidas, como podemos verificar *“Para alguns que estão com dúvidas vamos tirar essa dúvida.”* (Extrato de Bordo, 01/08/2019).

Na quinta observação, três estudantes desenharam cada uma um urso e foram mostrar à estagiária, mas ao perceberem que Jasmim estava olhando, uma delas falou bem alto *“Lá vem à curiosa”* (Extrato de Bordo, 05/08/2019). Ao perceber a fala da aluna, a estagiária retrucou perguntando o motivo pelo comentário à mesma aluna respondeu “Ela quer ver tudo, mas não mostra nada a gente”. (Extrato de Bordo, 02/08/2019). Flor (Nome fictício da estagiária) pediu para que as amigas respeitassem Jasmim, que ela deveria

olhar a imagem, apesar de não quererem mostrar a Jasmim, uma das três meninas pegou o desenho e mostrou. Jasmim disse: “Ficaram lindos, eu quero desenhar um urso lindo também.”(Extrato de Bordo, 02/08/2019)

Como foi dito pela professora na descrição da entrevista, nessa turma tem um aluno que se encontra fora da faixa de idade, em uma das aulas ela perguntou pelo estudante, pois ele estava faltando há alguns dias. Ela se mostrou preocupada com o estudante e ficou de ligar para os responsáveis visto que esse estudante passa por alguns problemas familiares.

Durante a explicação dos conteúdos Rosa sempre valorizou os conhecimentos dos estudantes, em uma das aulas ela perguntou quem gostava da aula de Ciências, o Cravo levantou e respondeu: “Não gosto, prefiro matemática.” (Extrato de Bordo, 02/08/2019). Em muitos momentos notamos que a docente queria possibilitar a fala do(a) aluno(a) como podemos analisar: “Cravo, fale o que você queria falar sobre as minhocas. Pode fim falar aqui na frente.” (Extrato de Bordo, 07/08/2019). Ela salientou que as pessoas possuem gostos diferentes, pensamentos, atitude e sendo assim, importante respeitar.

Rosa, ao realizar atividades em duplas solicitava que os alunos dividissem o material entre eles, mas não aceitava que um levasse o peso da atividade sozinho. No extrato de Bordo do dia 6 de outubro, pode perceber alguns desses momentos: *“Quem não tiver cola, pede emprestado ao amigo, mas lembrando cada aluno deve trazer seu material. Não quero ninguém fazendo o do outro.”* (07/08/2019). Em muitas situações a professora destacou as atividades das crianças, destacando a organização do material, o tamanho da letra, a escrita, etc.

Para possibilitar a interação entre os discentes, percebemos que Rosa costuma deixar alguns minutos de conversa antes de iniciar a aula, no recreio os estudantes brincam, conversam e trocam cartas de animais. Rosa possibilita atividades em duplas e utiliza o tablet como recurso que favorece a interação. Na sexta observação a docente trabalhou a multiplicação e no segundo horário utilizou os tablets. Pediu para os(as) estudantes formassem duplas, pois só entregaria o recurso a quem estivesse em dupla. *“Quem não formar duplas não vai receber o tablet.”* (Extrato de Bordo, 07/08/2019). Os estudantes abriram um aplicativo de jogos matemáticos, a docente e a estagiária mediarão a utilização do material. Durante esse momento a educadora passava pelas

duplas falando *“Bora, um apoiando o outro.”* (Extrato de Bordo, 07/08/2019). Nesse dia a professora deixou as crianças escolherem seus pares. Rosa valorizou as falas dos estudantes. Ainda na sexta observação, uma das aulas uma aluna estava querendo mudar o assunto da aula, a aula estava sendo sobre decomposição, mas quando Rosa deixou a aluna falar ela levou a conversa para o dia que ela estava na praia com a família, Rosa disse que não queria perder o objetivo da aula e pediu para a aluna pensar antes de falar. Em relação à inclusão Rosa deixa claro que todos são diferentes e por isso todos merecem ser respeitados.

Na sétima observação no dia 26 de agosto, visto que as crianças iriam se apresentar na festa cultural sobre brincadeiras populares do nordeste, a docente aproveitou o primeiro momento para levar as crianças para ensaiar próximo ao refeitório e lá as crianças brincaram de pular corda, trem maluco, passa anel e passarai. Nesse dia pudemos notar o envolvimento das crianças, todas as crianças se envolveram na atividade. A professora formou três grupos, explicou cada brincadeira. Todos brincaram de trem maluco, passa anel e passarai a professora ficava um pouco distante observando. Para pular corda a professora foi para a entrada da escola. Todos se divertiram, respeitaram a vez do amigo e se envolveram nas brincadeiras. Algumas crianças que ao pular corda erravam, a professora falava: *“Calma, ela vai conseguir.”* (Extrato de Bordo, 26/08/2019).

Ainda para trabalhar a inclusão e a interação entre pares foi realizada no dia 31 de outubro de 2019 uma roda de discussão, intitulada como *“A importância de relacionar-se com o outro e do respeito para com as pessoas”*, somos todos diferentes. Essa técnica foi utilizada pela necessidade em tratar esse assunto com os discentes, como também uma maneira de ouvi-los. A conversa com os discentes durou duas horas. A pesquisadora destacou a importância de sermos diferentes, iniciou a roda com uma fala dita pela professora durante a entrevista *“Se todos nós fossemos iguais, não teria graça”* (Rosa, 2019). Dessa forma foi questionada a opinião deles sobre a frase da professora Rosa. Uma das crianças descreveu: *“Seria muito chato, seria horrível, o mundo não ia ser legal, nem ia olhar no espelho”*. A partir da fala dessa criança, enfatizamos o que afirma Sacristán e Pérez Gomez (1998) ao descrever que no ambiente escolar existe uma diversidade, e que é a partir das

diferenças as crianças vão se aproximando do outro e constrói sua identidade.

A pesquisadora enfatizou a necessidade de se relacionar-se com o outro, por sermos diferentes temos gostos diferentes, personalidades diferentes, e assim precisamos respeitar a opinião e o jeito do outro. Quando a pesquisadora perguntou o que era interação o Cravo disse bem alto: *“É falar com o amigo.”* (Transcrição da roda de discussão 31/10/2019). Comungamos com o que Nunes(2017) descreve sobre interações, ao descrever que interação é a relação que um individuo estabelece com outro.

Descrevendo uma pessoa sozinha no mundo, a pesquisadora questionou aos estudantes se seria bom ou ruim todos responderam em uma só voz *“NÃO.”* (Transcrição da roda de discussão 31/10/2019). A partir das respostas dos estudantes foram surgindo outras questões. Durante a roda de discussão foi enfatizando como ajudar um amigo triste em sala de aula, quais atitudes devem ser realizadas para ajudar uma pessoa, como evitar brigas no ambiente escolar. A pesquisadora descreveu que um apelido pode ser legal quando a pessoa gosta, quando a pessoa recebe um apelido e não gosta e mesmo assim outras pessoas insistem nesse apelido acaba se tornando um bullying. Para concluir a roda de discussão foram realizadas duas dinâmicas, a primeira tinha como objetivo olhar o amigo que estava ao lado e notar as diferenças dele, pensar em qualidades e descrever ações que o deixam felizes. Na segunda dinâmica as crianças precisavam observar um tesouro que se encontrava na caixa surpresa levada pela pesquisadora. Dentro da caixa havia um espelho, ao chamar a criança para abrir a caixa, a pesquisadora falava algumas informações do tesouro, como por exemplo: É um tesouro caro, raro, importante, especial, único, precioso, muito bonito, etc. Após ouvir a pesquisadora a criança abria a caixa e se olhava pelo reflexo do espelho, algumas crianças sorriram, reafirmavam ser um tesouro precioso para algumas pessoas. Uma única estudante não gostou do “Tesouro”, ela enquanto os amigos comentavam do valioso tesouro que cada uma era, essa estudante falava *“Nossa, nada de especial, que droga.”* Para concluir a estagiária destacou o valor que cada pessoa tem, ressaltou a necessidade do respeito em ouvir o outro e a importância de ajudar o amigo. Após o fim da roda de discussão, a pesquisadora buscou conversar com a aluna que disse que ao se observar no espelho não era nada especial, houve uma conversa rápida, a

estudante descreveu que muitas vezes não se acha legal e são poucas pessoas que a elogia. A pesquisadora precisou conversar com Rosa que disse que a estudante já vem sendo observada. A pesquisadora descreveu um pouco da sua vida escolar para a estudante que ficou feliz e disse que realmente, precisa pensar mais nela como algo valioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das observações e da entrevista, foi possível verificar o quanto a docente se importa com seus estudantes, buscando ser democrática, mediando nas atividades e possibilitando o trabalho em equipe. A prática pedagógica docente é um desafio, como podemos presenciar em algumas observações em alguns momentos Rosa precisou retirar um estudante da sala para realizar uma conversa particular e conscientizar o estudante sobre sua atitude. Ela mostrou-se preocupada com a ausência de um estudante que estava faltando com muita frequência. A docente aposta em uma educação inclusiva, na qual os sujeitos possam fazer parte e se fazer presente seja na sala de aula como em qualquer ambiente escolar, seja ele com alguma necessidade específica ou não, como destaca Mantoan (2003) ao discorrer que a educação inclusiva não se restringe as pessoas com necessidades específicas. Destacamos ainda a importância da docente em conhecer o contexto dos estudantes como também a história de cada um, pois o trabalho docente possui uma ligação direta à realidade social que por sua vez transcende no contexto escolar.

Ainda sobre à prática pedagógica docente, ressaltamos a sua importância em relação à inclusão e interação dos estudantes. Como Martins (2012) aborda a importância do(a) educador(a), enfatizamos que o (a) educador (a) tem o papel de desenvolver em seus alunos o raciocínio, a imaginação, a argumentação e o senso de observação e criticidade, dessa forma é imprescindível que este esteja sempre em processo contínuo acerca de novas atividades didáticas, tecnologias, para que assim possa utilizar em sua prática pedagógica.

A interação faz parte da vida de qualquer ser humano, quanto aos estudantes/crianças é destacada por influenciar na constituição do sujeito, sendo assim (a) docente pode contribuir bastante, ele (a) pode proporcionar a interação e a cooperação entre os pares, também pode viabilizar experiências importantes para as crianças.

Este trabalho de conclusão de curso traz contribuições significativas para os(as) futuros (as) Pedagogos (as) quanto para os profissionais que já estão em sala de aula, por se tratar de questões atuais. Apesar de ter alguns

estudos acerca dessa temática, ainda se faz pertinente mais investigação quanto ao campo de atuação do educador (a) e como a sua prática favorece a inclusão. Não é uma tarefa fácil incluir, mas é necessário que as pessoas possam ser respeitadas em qualquer lugar que se encontra, independente da sua “diferença”, é inaceitável a exclusão. Vivemos em uma sociedade que precisa quebrar paradigmas, que precisa tratar com igualdade todos (as) sem exceção.

Em relação à prática da professora analisada frente à inclusão, foi visto que o seu esforço para incluir o seu alunado. Percebemos a partir da sua postura em sala que os estudantes precisam se respeitar para que vivam melhor seja na sala de aula como fora dela. Observamos também o quanto a docente recebe o respeito dos estudantes.

Sobre o papel da escola, como deixa claro a constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ao declarar que a educação é um direito de todos e dever do Estado. Ela abarca múltiplas diversidades, dessa forma nesse ambiente deve possibilitar o respeito acerca das diferenças culturais, sociais e políticas, físicas, etc. Seja qual for o ambiente todos merecem respeito e compreender a importância das diferenças que se encontram na sociedade.

Destarte, a escola deve proporcionar condições de ampliar a visão de mundo dos estudantes, e assim propiciar ao alunado convivência com os diferentes, o aprendizado acerca de reconhecer as diferenças, o respeito para com o outro.

Quanto às políticas de inclusão existentes, acreditamos que ainda enfrentamos muita exclusão e segregação, compreendemos que apesar da implementação das políticas, muito se precisa melhorar. De fato já é visto melhorias nos dias atuais acerca da inclusão, mas ainda é necessário mais envolvimento da sociedade quanto à inclusão, para que assim todos possam viver incluídos.

A partir das observações e da entrevista, ficou claro que a professora busca respeito em sua aula, ficou evidente que o aluno deficiente é tratado igualmente, sem privilégios e sem exclusões. Percebemos que a professora realizou atividades que possibilitou a interação dos discentes, apesar dos poucos recursos utilizados por ela, podemos considerar que a educadora procura fazer que suas aulas façam sentido na vida dos estudantes.

Sobre a interação entre os pares, notamos através das observações e da roda de discussão certa exclusão com Jasmim, tanto por parte dos meninos, como das meninas. Como a professora descreveu na entrevista, essa aluna fica isolada, mas ao tirar brincadeira com o outro, acaba ofendendo e em consequência disso, os colegas ficam longe dela. Mas percebemos atitudes da docente para conscientizar Jasmim em relação a sua postura, quanto aos demais estudantes sobre o valor do respeito para com o outro. A postura da professora foi tentar inserir Jasmim dentro das brincadeiras, das atividades propostas e do diálogo quando existente em sala de aula. Em algumas situações o resultado era satisfatório, mas em muitos casos Jasmim ainda ficava escanteada pelos colegas.

A roda de discussão foi importante para dialogar com os estudantes, ouvir a opinião deles sobre interação, respeito, sentimentos e valorização de si e do outro. Através dessa técnica, os estudantes relataram situações que não gostam de vivenciar, boas maneiras de ajudar um amigo e como as diferenças fazem bem para a sociedade.

Dessa forma, concluímos o trabalho respondendo o nosso problema de pesquisa, descrevendo que a prática pedagógica docente pode atuar positivamente nos processos de inclusão entre pares, possibilitando a interação, o respeito e a igualdade dos estudantes. O(A) educador(a) em sala de aula pode durante sua jornada romper as exclusões e favorecer o relacionamento dos estudantes, seja através do diálogo, das atividades em sala, das brincadeiras e como também das conversas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Como desenvolver as competências em sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

AREZES, Marta; COLAÇO, Susana. **A Interação e Cooperação entre pares: uma prática em contexto de creche.** PP. 110-137 (2014)

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

_____. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. Ed. - São Paulo: Atlas 2003.

FERNANDES, Cleoni. **À procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica?** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008. p.145-165.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1910-1989. Miniaurélio Século XXI: **O Minidicionário Escolar Língua Portuguesa.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. **Inclusão Escolar: O Desafio de uma Educação para todos?**. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul Ijuí – RS. 2012

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** - São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. Ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. In: MIRANDA, T. G.; FILHO, T. A. G. (Orgs). **O professor e a educação inclusiva: Formação, Práticas e Lugares**. Salvador: Edefba, p. 25-38, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1997 (p. 16-29).

MORALES, Pedro Vallejo. **A relação professor- aluno: o que é, como se faz**. São Paulo. 3ª ed. Loyola, 2001.

NUNES, Micaela Filipa da Silva. **Refletindo sobre as interações entre pares nos momentos de brincadeira livre em contexto Jardim de Infância**. (Relatório de Prática de Ensino Supervisionada). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Instituto Politécnico de Leiria. Leiria. 2017. (p.39-41).

SACRISTÁN, J. Gimeno& PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**.trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, Mayanna Auxiliadora Martins. **O encontro entre crianças e seus pares na escola: entre visibilidades e possibilidades**. (Dissertação - Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. P.94, 2009.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. Ver e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, L. R. S. REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação inclusiva: O desafio da formação de professores**. Revelli - Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas ISSN 1984-6576 – v. 3, n.1. p. 07-17 – Março de 2011.

SILVA, Vanja Mara Barbosa da Silva. **A Diversidade em Sala de Aula: Um desafio sempre Atual**. (Monografia)- Universidade De Brasília- Universidade Aberta do Brasil /. Buritis - MG. 2015

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, Política e prática em Educação Especial**. Salamanca. Espanha. 07 a 10 de junho de 1994. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990**.1998.

ANEXO – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. ^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada **PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS DIFERENÇAS E A INTERAÇÃO ENTRE PARES**, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal: Analisar a prática pedagógica docente e suas influências nos processos de inclusão entre pares em sala de aula. Será realizada por **Ullair Maria da Silva**, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista, com a utilização do recurso: Gravador, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados levantados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, _____ de _____ de 2019.

Assinatura da participante

Assinatura do/a pesquisadora



Impressão do dedo polegar
caso o/a participante não saiba
assinar.

APÊNDICE A – Roteiro de Observação Participante

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do (a) Professor (a): _____

Instituição de Ensino: _____

Turma: _____

Conteúdo da Aula _____

Turno: _____

Data da observação: _____

A Prática Pedagógica Docente

- Existe planejamento?
- Com qual frequência as aulas são planejadas?
- Utiliza os PCNS ou a BNCC?

Relação Professora - Alunos

- Como acontece a relação entre eles?
- As intervenções realizadas pela professora constroem ou ajudam?
- Os ritmos de aprendizagens diferentes são mediados de que maneira?

A interação entre os estudantes e o conteúdo trabalho

- Como a metodologia utilizada ajuda a aprendizagem dos estudantes?
- Os alunos estão motivados com os conteúdos trabalhados?

Como a Educação Inclusiva acontece dentro da sala de aula

- Na turma tem alunos com necessidades especiais?
- Os alunos negros, brancos, gordos, magros sofrem preconceitos?

A relação entre os pares

- Os alunos costumam ajudar o outro;
- Como trabalham em equipe?
- Os alunos se colocam durante explicações de conteúdos?
- Como se organizam em sala?
- No intervalo costumam brincar com os amigos da mesma classe ou de outras?
- Incluem todos ou selecionam os amigos?

Avaliação da Aprendizagem

- Como as docentes avaliam os estudantes - Provas, atividades em sala, trabalhos?
- A partir da avaliação são realizadas atividades que possibilitam uma melhor aprendizagem do estudante?

Os recursos que as docentes utilizam

- Materiais tecnológicos;
- Livros didáticos ou paradidáticos;
- Apostilas;
- Aprova Recife;
- Projetos;
- Os recursos estimulam os estudantes.

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista

Na metodologia do trabalho de conclusão de curso, intitulado como **PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS DIFERENÇAS E A INTERAÇÃO ENTRE PARES** descreve que a entrevista será um **método** a ser utilizado. Tendo como autora do trabalho a graduanda Ullair Maria da Silva orientada pelo Professor Drº Hugo Monteiro.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Formação:

Tempo de atuação:

PRÁTICA DOCENTE

Como escolheu a profissão?

Descreva o que é prática Pedagógica docente:

Como você possibilita o envolvimento dos pais quanto a participação deles na educação dos estudantes?

Em sala de aula para trabalhar as diferenças entre os sujeitos o que você costuma fazer?

Qual a importância do educador para possibilitar a interação entre os pares?

Como você realiza o planejamento das aulas?

Quais recursos em sua prática pedagógica você utiliza para proporcionar a interação entre os estudantes?

Qual o papel da prática Pedagógica docente frente à Educação Inclusiva?

INTERAÇÃO ENTRE OS PARES

Descreva o que é interação entre pares:

Como pode acontecer a interação entre os pares?

Você já participou de alguma formação sobre a interação entre pares?

Qual o maior desafio em proporcionar a interação entre pares?

Você acredita que a interação entre os pais contribui para sua Prática Pedagógica?

A metodologia utilizada por você favorece a interação entre os estudantes?

Quando os pares estão interagindo, você acredita que sua prática pedagógica melhora?

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL

Em sua concepção existe diferença entre Educação Especial e Inclusiva ou ambas possuem o mesmo significado? Explique.

Descreva sobre Educação Inclusiva entre os pares:

Você acredita que o ambiente escolar contribui para aceitação das diferenças?

Qual o papel da Educação inclusiva, e o papel do educador para incluir?

DIFERENÇAS

Descreva o que é ser diferente:

Como as diferenças surgem em sala de aula?

Qual o papel do(a) professor(a) em atuar possibilitando o respeito acerca das diferenças?

Na sua sala de aula com a maior dificuldade em aceitar o “Diferente”?

Em relação aos grupos formados em sua sala de aula, você percebe a liderança de algum estudante?

Você acha que os pais podem contribuir para essa interação, aceitação dos “diferentes”?

APÊNDICE C-Roteiro da Roda de Discussão

Sujeitos Participantes:

Quantidade de participantes:

Local:

Data: ____/____/____

Tema: A importância de relacionar-se com o outro e do respeito para com as pessoas, somos todos diferentes.

Objetivo: Refletir acerca das atitudes em relação para com o outro e a importância de sermos diferentes.

Palavras Chaves: Respeito, Interação, Diferença e Amizade.

Início da roda

A sala será organizada em um círculo, será realizada apresentação do tema da roda, do trabalho de conclusão de curso e da experiência da pesquisa de campo realizado na turma dos estudantes.

Dialogando/ Levantamento de hipóteses

O que é interagir com o outro?

Todas as pessoas são iguais?

Como posso ajudar uma pessoa?

Como é possível evitar conflitos?

Como eu gosto de ser chamado?

Na escola quantos amigos eu tenho?

Será que é possível criar laços afetivos dentro do ambiente escolar?

Quando você percebe que alguém está triste, como você ajuda?

Na sala de aula você gosta quando acontecem atividades em duplas ou grupos? Por quê?

Será que seria legal não ter amigos?

Descrição dos seguintes conceitos no decorrer da conversa

Respeito;

Amizade;

Ajuda;

Paciência.

Dinâmica 1

Você já percebeu quem está ao seu lado agora?

Quem está ao seu lado é igual a você?

Cada criança deverá descrever como se sente ao observar o outro.

Em seguida cada criança deverá descrever o que as deixam felizes, e como elas fazem para fazer outra pessoa feliz.

Dinâmica 2

Caixa do Tesouro. A caixa será decorada, na tampa terá um espelho e dentro dela bombons. Será dito aos estudantes que dentro da caixa tem uma surpresa/um tesouro. Cada criança deverá abrir a caixa se olhar no espelho e pegar um bombom. Os (As) estudantes deverão se observar e ver que são diferentes aos demais, sendo assim especial e único. Após todas as crianças abrirem a caixa, será conversado sobre a importância de cada pessoa.

Conclusão

As pessoas são diferentes e isso é o bom da vida. Na roda de discussão será destacado como é importante ouvir o outro e que todos os seres humanos em sentimentos e que todos precisam de respeito.